

AS “IGREJAS INCLUSIVAS” EM FORTALEZA-CE: TERRITÓRIO LGBTQ DE RESISTÊNCIA E FÉ
The “inclusive churches” in city of Fortaleza: LGBTQ territory of resistance and faith

Thiago José Oliveira¹

Ana Paula do Nascimento Vasconcelos²

Otávio José Lemos Costa³

RESUMO

As Igrejas Inclusivas (ICs) agregam pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Queer (LGBTQ), grupos sociais historicamente colocados à parte das religiões cristãs. Elas surgem no Brasil na década de 1990, fazendo parte de um movimento iniciado em 1968 nos Estados Unidos da América. Esse cenário despertou para a busca de compreender o significado das ICs para as pessoas LGBTQ no contexto urbano de Fortaleza-CE. O enfoque da pesquisa é qualitativo, seguindo as proposições teórico-metodológicas da Geografia da Religião, na qual os aspectos da religião que interessam à Geografia são aqueles ligados à fé no tempo e espaço. As ICs são manifestações que se dão no espaço urbano das metrópoles, se configurando como territórios de luta, resistência e fé LGBTQ. Em Fortaleza, essas Igrejas já fazem parte da paisagem urbana da cidade, formando uma rede espacial física e virtual que a cada dia agrega mais LGBTQ cristãos.

Palavras-chave: Geografia da Religião. Espaço urbano. Igrejas inclusivas. LGBTQ.

ABSTRACT

The inclusive churches (IC's) adds Lesbian, Gay, Bisexual, Transvestite, Transsexual, Transgender, and Queer people (LGBTQ), People who have historically been set apart from Christian religions. They emerged in Brazil in the 1990s being part of a movement started in 1968 in the United States of America. This scenario awakened to research in order to understand the meaning of IC's in the urban context of the city of Fortaleza-CE. The research focus is qualitative, following the theoretical-methodological propositions of Geography of Religion, in which the aspects of religion that are of interest to Geography are those linked to faith in time and space. The IC's are manifestations that take place in the urban space of the metropolises, configuring themselves as territories of struggle, resistance and LGBTQ faith. In Fortaleza, these churches are already part of the city's urban landscape, forming a physical and virtual spatial network, which every day adds more LGBTQ Christians.

Keywords: Religion Geography. Urban space. Inclusive churches. LGBTQ.

1 Professor de Geografia da Rede Estadual de Ensino Secretaria de Educação do Estado do Ceará (Seduc). thiago.j.oliveira@hotmail.com

✉ Rua G, 321, Vila Velha, Fortaleza, CE. 60349-070.

2 Mestra em Geografia, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (ProPGeo/UECE). anapaula.nvasconcelos@gmail.com

✉ Travessa João Sabino, 76, Vila Peri, Fortaleza, CE. 60730-050.

3 Professor Adjunto – Curso de Geografia Universidade Estadual do Ceará (UECE). otavio.costa@uece.br

✉ Rua 23, nº 1147, Conj. Beira Rio, Fortaleza, CE. 60348-250.

INTRODUÇÃO

A religião se apresenta como uma manifestação cultural que instiga o ser humano no tempo e no espaço. Entendida como o conjunto de símbolos nos quais, as crenças e visões de mundo irão constituir as diversas formas de comportamento, uma vez que as religiões possuem narrativas, simbologias e tradições que se destinam a dar um sentido para aqueles e aquelas que adotam uma fé. Sendo também, uma experiência concomitantemente “individual e coletiva”.

As religiões são fomentadoras de estilo de vida específico e influenciam diretamente na forma de vida, na cultura e na formação do espaço de suas áreas de influência. Os membros de uma determinada congregação tornam-se disseminadores desse estilo de vida e em alguns casos, têm a responsabilidade de propagá-lo de forma mais direta.

Entendemos a “instituição religiosa como a expressão concreta” da religião e a forma como a humanidade a expressa chamamos de “religiosidade”. Como instituição, a religião exerce um poder “consciente e intencional” na sociedade. Esse poder exercido é a forma de legitimar sua autoridade e demarcar o seu território (GIL FILHO, 1999).

Na presente discussão, nos limitamos ao contexto das religiões cristãs, as quais reconhecem a autoridade de Jesus Cristo como seu líder e fundador. O “cristianismo”, como uma das religiões universalizantes, foi difundido principalmente pelo Império Romano quando adotado como religião oficial do estado pelo imperador Constantino.

O cristianismo afirma uma luta do bem contra o mal e também difunde a ideia de que a homossexualidade está vinculada à influência demoníaca. Assim, historicamente, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Queer (LGBTQ) são identificados como tendo

uma postura pecaminosa e as igrejas cristãs têm sua parcela de responsabilidade na propagação dessa ideia. Esse posicionamento das igrejas resultou na criação de guetos e refúgios para as pessoas dissidentes da heterossexualidade, e, nesses espaços, as pessoas podiam viver suas afetividades sem sofrerem discriminação e violência.

O cenário que se apresenta para os grupos LGBTQ é a representação de uma vivência construída no decorrer de séculos em posição desfavorável frente às vivências religiosas cristãs em coletividade. A homossexualidade, entendida como um pecado pelas religiões cristãs, fomenta o ódio e a intolerância de forma geral em nossa sociedade. Colocando assim os grupos de pessoas LGBTQ em constante risco de violências e repressão às manifestações de suas respectivas fés e religiosidades ligadas ao cristianismo.

A presente proposta baseia-se na pesquisa realizada em 2018 e 2019 em 5 (cinco) Igrejas Inclusivas (ICs): Cidade de Refúgio (CR), Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional (CCNEI), Igreja Apostólica Filhos da Luz (IAFL), Igreja Cristã Ministério Filadélfia (ICMF) e Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), localizadas no espaço urbano de Fortaleza-CE. O objetivo foi compreender a espacialidade Igreja Inclusiva (IC) no contexto urbano de Fortaleza e o significado da IC para os grupos sociais de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Queer (LGBTQ).

METODOLOGIA

O nosso recorte espacotemporal é o espaço urbano de Fortaleza-CE, no qual realizamos um mapeamento das Igrejas Inclusivas (IC), obtendo informações através das redes sociais virtuais. O mapeamento foi realizado em 2018 e 2019 e localizamos 5 (cinco) ICs, conforme a figura 1.

As “igrejas inclusivas” em Fortaleza-CE: território LGBTQ de resistência e fé
 Thiago José Oliveira, Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Otávio José Lemos Costa



Figura 1 – Localização das Igrejas Inclusivas (ICs) em Fortaleza-CE.

Fonte: T. J. Oliveira; A. P. N. Vasconcelos; O.; J. L. Costa, 2019.

Esta pesquisa está fundamentada como uma investigação qualitativa nos moldes do entendimento de Pessôa (2012), indicando as técnicas utilizadas na ciência, de forma geral, e na geografia. São elas: “o trabalho de campo e a observação, [...] entrevista, a história oral e a pesquisa participante” (PESSÔA, 2012, p. 14). Além disso, é imprescindível a definição de um limite espacotemporal.

A pesquisa de campo ocorreu de janeiro a maio de 2018. Durante esse período, participamos das celebrações das igrejas, estivemos presentes em alguns eventos extras e realizamos entrevistas com cada um dos líderes responsáveis pelas respectivas ICs.

Aplicamos um questionário on-line que foi respondido por meio de adesão. Cada líder entrevistado avaliou o questionário e decidiu se divulgaria ou não este para os(as) membros da igreja. Por tratar-

se de congregações religiosas e voltadas para pessoas LGBTQ, fomos bem cautelosos na confecção do questionário para que não constrangêssemos nenhum participante, mesmo que involuntariamente. Além disso, não solicitamos identificação para possibilitar que as pessoas se sentissem à vontade para responder com veracidade.

Para os líderes, não formulamos um questionário engessado, antes conversamos sobre temas que geraram questionamentos e uma conversa fluida. Os temas eram: a igreja (origem, dados gerais), o líder (formação religiosa, estilo de liderança), a inclusão (a bíblia, a teologia inclusiva, as pessoas LGBTQ), manutenção do território (estratégias para atrair novos, propagação da igreja) e o uso de tecnologias (redes sociais virtuais, aplicativos de mensagens e transmissões dos cultos pela internet).

O questionário foi aplicado virtualmente com perguntas objetivas e subjetivas. O questionário tinha uma interface bem interativa, de fácil navegação, podendo ser respondido diretamente pelo celular e através de um link enviado via aplicativo de conversas. No total, 111 (cento e onze) pessoas responderam ao formulário. Foram expurgadas as respostas de pessoas de outras cidades, finalizando a base de dados com 108 (cento e oito) respostas, porém, apenas 26 (vinte e seis) relatos se encontram aqui expostos, respeitando as respectivas identidades e nomes. O intuito do questionário foi levantar informações sobre o perfil dos(as) frequentadores(as) e as experiências nas Igrejas Tradicionais e Inclusivas.

Compõe o marco referencial a proposta de Rosendahl (2001; 2002) para refletirmos sobre as noções que envolvem o sagrado e o profano no que tange às materialidades constituídas pela fé no espaço urbano; e também para elucidarmos sobre a Geografia da Religião. Gil Filho (1999; 2012) e Gil Filho e Pereira (2012) para refletirmos sobre a noção de “espaço sagrado”. Também compõe o marco referencial o conceito de território conectado à proposta de Haesbaert (1997; 2007; 2014) que enfatiza as dimensões políticas e econômicas e também simbólicas, identitárias e afetivas em seu conceito de território.

As “igrejas inclusivas” em Fortaleza-CE: território LGBTQ de resistência e fé
 Thiago José Oliveira, Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Otávio José Lemos Costa

O artigo se estrutura em 6 (seis) tópicos: o primeiro é a Introdução. O segundo, a Metodologia. No terceiro tópico são abordados os aspectos da Geografia da Religião e as interfaces com as noções de gênero e sexualidade para que se possa pensar geograficamente as Igrejas Inclusivas (ICs) por uma perspectiva crítica. Tendo como base a construção sociocognitiva dos papéis de gênero e a prática sexual naturalizada, compreende-se que a materialidade – igreja cristã tradicional – constitui-se como “espaço interdito”, por ser um espaço que condena as práticas sexuais dissidentes da heterossexualidade para as pessoas LGBTQ, seguindo as noções de Silva (2008). É elucidada a ideia da Teologia Inclusiva (TI) que se materializa na Igreja Inclusiva (IC), pois compreendemos que a releitura da Teologia que passou a se chamar Teologia Inclusiva (TI) influenciou na produção do espaço concreto que passou a se chamar Igreja Inclusiva (IC).

O quarto tópico explana sobre as ICs em Fortaleza e a luta para que estas se estabelecessem na cidade. E segue com o quinto tópico, que descreve sobre os grupos LGBTQ que frequentam as ICs e uma síntese do que elas significavam para essas pessoas.

O sexto tópico são as considerações finais na qual consideramos, até então, que as ICs são materialidades, espaço concretos, que ganham visibilidade no contexto urbano e que envolvem aspectos históricos, sociais, políticos, culturais, de fé e de afetos imbricados na luta e na resistência dos grupos LGBTQ. O que implica pensarmos que o espaço concreto da IC é produzido a partir de aspectos que envolve o que entende por “profano”, por “pecado”, tendo em vista a condenação da homossexualidade pela igreja cristã tradicional; implica, também, no aspecto teórico-metodológico da Geografia da Religião conectados apenas aos aspectos do que se entende por “sagrado”. A IC é menos “sagrada” por ser constituída por pessoas que divergem das práticas heterossexuais? Quais elementos concretos afirmam que

um determinado espaço é sagrado se considerarmos os respectivos contextos culturais e as singularidades das experiências dos sujeitos?

GEOGRAFIA DA RELIGIÃO: GÊNERO E SEXUALIDADE

A Geografia da Religião no Brasil, como um subcampo da Geografia Cultural, apresenta-se com aportes teórico-metodológicos de influência tanto norte-americana como europeia. Com relação à influência norte-americana, as pesquisas sobre o impacto da religião, a distribuição da religião e a formação de paisagens culturais fazem-se presentes entre os(as) pesquisadores(as) brasileiros(as). Já os estudos da Geografia da Religião, no contexto europeu, tratam de analisar a dinâmica empírica da religião, as transformações na paisagem dos lugares e buscam relacionar os hábitos religiosos, os etilos de vida e a dinâmica econômica.

No contexto brasileiro, os centros difusores de pesquisas geográficas interessadas no fenômeno da religião concentram-se principalmente no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), situado no Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), coordenado pela geógrafa Zeny Rosendahl; e no Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER) e o Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião (NUPPER), ambos localizados na Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob orientação do pesquisador Sylvio Fausto Gil Filho.

Na perspectiva de Rosendahl (2002, p. 10), os aspectos da religião que devem interessar aos geógrafos e geógrafas é a “análise da experiência da fé no tempo e no espaço em que ela ocorre”. Assim, compreende-se que a concepção tempo-espaço é intimamente geográfica e não deve ser desvinculada da análise da composição histórica, cultural e política das sociedades.

As “igrejas inclusivas” em Fortaleza-CE: território LGBTQ de resistência e fé
 Thiago José Oliveira, Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Otávio José Lemos Costa

Para a autora citada, a fé é o que constitui a religião, pois a fé é o que identifica o ser humano crente dentro dos sistemas religiosos, fazendo-o ter uma experiência religiosa na qual se imbricam o místico e a experiência concreta relacionada aos espaços entendidos como sagrados (igrejas, templos, capelas e outros). Por esse olhar, a difusão da fé é um fenômeno geográfico complexo, uma vez que relaciona a composição do espaço com as transformações das paisagens das cidades.

Sobre o fenômeno da religião e a leitura geográfica, Rosendahl (2002) elenca temas que são de interesse dos(as) pesquisadores(as). A saber: “fé, espaço e tempo: difusão e área de abrangência; centros de convergência e irradiação; religião, território e territorialidade; e lugar sagrado, vivência, percepção e simbolismo” (ROSENDAHL, 2002, p. 10). A autora adverte que aos quatro temas é proposto que não se excluam, mas que se complementem diante das especificidades das sociedades e das religiões que se queira analisar.

Como uma das precursoras da Geografia da Religião no Brasil, Zeny Rosendahl desenvolveu as suas pesquisas centradas na concepção dicotômica entre sagrado e profano. Sendo o “sagrado” a aproximação com o “divino”, e o profano, o contrário. No plano do sagrado, interessa-se pela manifestação espacial do sagrado, entendendo essa manifestação também como manifestação cultural. Entretanto, conforme a autora citada, as dimensões objetivas da religião, que envolve a materialidade imediata, o espaço sagrado, é que são mais atraentes aos(as) geógrafos(as) da religião. Ou seja, as manifestações religiosas são lidas a partir da apropriação dos espaços.

Já para Gil Filho (2012), a Geografia é uma ciência que busca explicar os fenômenos humanos, e um deles é o fenômeno da religião. Assim, a Geografia da Religião pode ser compreendida como uma subdisciplina da Geografia, a qual busca explicar o fenômeno religioso através das

categorias de análise próprias da Geografia (região, território, lugar, paisagem). O fenômeno religioso é explicado espacialmente através das categorias de análises e é esse aspecto que difere o olhar da Geografia para as religiões das outras disciplinas como a Sociologia ou a Antropologia.

Gil Filho e Pereira (2012) discorrem sobre o conceito-categoria “espaço sagrado”, demonstrando as formas de abordagem teórico-metodológica deste. Gil Filho (1999) sinaliza que, para além da abordagem teórico-metodológica da materialidade do sagrado, existe a abordagem que busca “compreender as manifestações religiosas partindo das dimensões estruturantes e do caráter fenomenológico e, posteriormente, das estruturas estruturadas da religião” (GIL FILHO, 1999). As “estruturas religiosas constituem uma realização do espírito humano sobre a matéria, e representa a imaginação e a interpretação das realidades religiosas expressas e significadas enquanto paisagem” (GIL FILHO, 2009, p. 3).

A abordagem geográfica da religião que considera o caráter mais fenomenológico entende o ser humano como um ser simbólico que se desprende do seu caráter puramente biológico para ser compreendido através de sistemas simbólicos nos quais a religião faz parte de um mundo de significados. Essa leitura entende o ser humano como “protagonista do conhecimento simbólico e da prática social da religião” (GIL FILHO, 2012).

Até aqui compreendemos que a religião não é objeto de estudo da Geografia, mas sim a sua manifestação, que é espacial. E que há uma leitura sobre “sagrado” e “profano”, entendendo os templos, as igrejas, os santuários como “espaços sagrados”. E que os “espaços sagrados” podem ser materializações que resultam de manifestações de sujeitos ou grupos de sujeitos que advogam aparições de figuras místicas, santas e outras.

As “igrejas inclusivas” em Fortaleza-CE: território LGBTQ de resistência e fé
Thiago José Oliveira, Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Otávio José Lemos Costa

Faz-se pertinente compreender como a Geografia lida com o fenômeno da religião para que possamos organizar elementos de ordem teórica-metodológica para a leitura das Igrejas Inclusivas (ICs) e todos os aspectos que as constituem, incluindo a ideia de “sagrado” e “profano” que não se aplica de forma tão dicotômica no contexto das ICs. As ICs envolver sujeitos cujas experiências religiosas nas igrejas tradicionais de cunho cristã são recusadas, pois as práticas sexuais dissidentes da heteronormatividade se encontram no aspecto do “profano”.

Como pesquisador(a), há de se considerar que a realidade concreta não é disciplinar, mas sim transdisciplinar, envolve diversas disciplinas para se interpretar determinado fenômeno. E em se tratando de manifestação da fé e da manifestação de espacialidades, como as ICs, que são importantes para aqueles e aquelas que compactuam de certo sistema religioso, os aspectos materiais, objetivos, imateriais e simbólicos não se encontram separados. Assim como os aspectos culturais e históricos no que tange às experiências das pessoas LGBTQ e as ininterruptas violências sofridas.

Nesse sentido, sugerimos, primeiramente, articular a ideia de “espaço interdito”, usando a concepção de Silva (2008), quando a autora discorre sobre a “produção do espaço interdito” referente à vivência escolar de travestis. Tanto a escola como a igreja são espaços produzidos e constituídos por normas e regramentos para os corpos e comportamentos. A escola apresenta-se como um espaço interdito para as travestis, pois seus corpos dissidentes da heteronormatividade tencionam a instituição escola, que tem um caráter estrutural normativo.

Quem são os sujeitos dissidentes da heterossexualidade? São os grupos sociais e políticos dos e das Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Queer (LGBTQ), historicamente condenados pelas

religiões cristãs, principalmente. É importante ressaltar que mesmo “condenadas” e “excluídas” das religiões cristãs, muitas pessoas LGBTQ se identificam com o cristianismo, manifestam sua fé nas orientações bíblicas e frequentam igrejas. Fato que possibilita pensar que a experiência da fé vai para além da religião e os seus preceitos, e que envolve dimensões materiais e imateriais.

Com relação à existência e à trajetória das pessoas LGBTQ, é possível fazer uma análise panorâmica na qual se registra históricos de condenações e interdições sociais, políticas, religiosa, familiar, escolar, médicas e tantas outras. No âmbito religioso, são muitas as religiões que não aceitam as práticas sexuais e performances de gênero das pessoas LGBTQ. Nesse contexto, compreende-se a religião como uma construção sociocultural que envolve aspectos de classe social, cor, sexualidade e gênero atravessados por relações de poder. Aspectos que marcam as religiões e que são dimensionados e redimensionados conforme as sociedades em que se estabelecem.

Nesse cenário, pode-se compreender a igreja cristã tradicional como um “espaço interdito”, embora muitas pessoas dos grupos LGBTQ frequentem as igrejas tradicionais. A igreja cristã tradicional entendida como “espaço interdito” no sentido que a manifestação da sexualidade dissidente é “interditada”; espera-se do sujeito religioso que frequenta a igreja a conformidade e o alinhamento do sexo, do desejo e do gênero. Tornando-se um espaço onde as pessoas dissidentes da heterossexualidade e que destoam do que entendemos como masculino e feminino são reprimidas e/ou expulsas.

O disciplinamento dos corpos e dos desejos perpassa pela construção moderna da ideia de heterossexualidade (relação homem e mulher entendida como “normal”) e da homossexualidade (relações entendidas como anormais, desviantes). A construção dessas duas inteligibilidades sobre a sexualidade e as práticas sexuais humanas

As “igrejas inclusivas” em Fortaleza-CE: território LGBTQ de resistência e fé
 Thiago José Oliveira, Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Otávio José Lemos Costa

repercute de forma violenta para todos e todas dissidentes da ordem entendida como “normal”.

Na presente leitura, a sexualidade e os gêneros não são entendidos apenas como categorias analíticas identitárias ou simples variáveis, mas como elementos que “produzem modos de inteligibilidades sociais” (SILVA, 2010). Elementos que constituem os espaços, tornando-os interditados ou não para as pessoas LGBTQ; elementos naturalizados que repercutem no fluxo da vida de grupos sociais dissidentes da “normalidade”. Nesse cenário, as igrejas cristãs conformam a naturalização da sexualidade e do gênero, tornando pertinente problematizar no que tange à leitura geográfica das ICs.

Até aqui se compreendeu que, para a análise do fenômeno “Igreja Inclusiva”, exige-se um aparato teórico-metodológico que possa sofisticar a leitura da religião em seu aspecto material e também compreender a composição dos sujeitos que a constituem, alinhando a uma análise do contexto social, cultural e político. Exigindo, também, uma posição crítica e desvencilhada de preconceitos morais e religiosos por parte do(a) pesquisador(a), uma vez que somos socializados para compreender que a homossexualidade é uma prática de pecado e condenada pelo cristianismo.

Também é pertinente a compressão de que as igrejas inclusivas são inclusivas por uma reinterpretação bíblica e por se caracterizar como espacialidades constituídas por pessoas dissidentes da heteronormatividade. Faz-se necessário contextualizar o que seja a Teologia Inclusiva (TI), pois se trata, a princípio, de uma resignificação da Teologia Cristã que possibilita a experiência dos grupos LGBTQ com a religião de modo que não se sintam vistos como “pecadores” e “pecadoras”.

Cardoso (2010, p. 8) define a Teologia Inclusiva (TI) como “uma ciência espiritual que traz uma releitura contextualizada da Bíblia”

colocando de lado o “fundamentalismo cristão” e alegando que o texto bíblico não “reprova ou condena a homoafetividade”. A TI interpreta que o “evangelho é para todos e todas, sem distinções”. A TI trata da inclusão das pessoas LGBTQ ao evangelho cristão.

Desde modo, é possível compreender que a releitura do evangelho cristão tornou possível a concretização das Igrejas Inclusivas (ICs). É importante destacar que tanto a TI quanto a IC foram alvos de discriminação e intolerância religiosa por parte de cristãos tradicionais, tanto em escala global como em escalas locais. Cardoso (2010, p. 9) explica:

Para muitos cristãos conservadores, a Teologia Inclusiva é vista como parte de uma espécie de militância gay tendo como pressupostos, argumentações tendenciosas e, portanto, falaciosas que não resistirão a uma análise mais acurada e sendo desprovida das motivações que estão por detrás das afirmações de mentores do movimento gay.

ATI apreende as experiências sexuais e as expressões identitárias dos sujeitos LGBTQ não “como uma doença a ser curada”, pelo contrário, a TI se propõe enquanto defensora dos direitos humanos, lutando contra a intolerância religiosa, em especial, a LGBTfobia religiosa. A TI propaga a ideia de que “Deus ama a todos”, não fazendo conta de sua identidade sexual ou orientação sexual. Os cristãos inclusivos lutam para ter sua “liberdade de culto respeitada”, bem como sua sexualidade (CARDOSO, 2010, p. 9-10).

Este tópico visou situar a IC em seu respectivo contexto histórico, cultural e político elencando elementos que perpassam o gênero e a sexualidade dos sujeitos que frequentam as igrejas para que possam compreender que a materialização das Igrejas Inclusivas é constituída pela experiência dos sujeitos LGBTQ e os seus históricos de violências e expulsão das congregações religiosas. Ressaltamos que a igreja

As “igrejas inclusivas” em Fortaleza-CE: território LGBTQ de resistência e fé
 Thiago José Oliveira, Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Otávio José Lemos Costa

católica e os seus cânones ainda entendem a homossexualidade como um “pecado”. Familiarizar-se com a Teologia Inclusiva (TI) é concernente aos estudos da Geografia da Religião, uma vez que a partir da reinterpretação da Teologia Cristã, abriu-se espaço para a inclusão de pessoas LGBTQ manifestarem-se enquanto sujeitos de fé no cristianismo, sem que os seus corpos, os seus gêneros e suas práticas sejam condenados. Esse “abrir espaço” reflete na materialidade da Igreja Inclusiva (IC), que se especializa em escala global, e já é um fenômeno que compõe a paisagem urbana de Fortaleza-CE.

AS IGREJAS INCLUSIVAS: TERRITÓRIO LGBTQ DE RESISTÊNCIA E DE FÉ

Por Igreja Inclusiva (IC) entende-se as igrejas que compatibilizam “sexualidades não heterossexuais e religiosidades cristãs, majoritariamente evangélicas” (JESUS, 2010, p. 132). As ICs surgiram no contexto das manifestações dos ativistas homossexuais nos Estados Unidos, em meados da década de 1960, quando foi reivindicada a retirada da homossexualidade da lista de doenças e anormalidades. Essas manifestações deram mais visibilidade e mais força na luta em defesa dos direitos dos homossexuais. Nesse cenário, foi fundada a primeira denominação evangélica gay, com o nome de Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches⁴. Atualmente, essa igreja se chama Metropolitan Community Church (MCC)⁵ (ALVES, 2009, p. 51).

Sobre as manifestações das pessoas homossexuais e o surgimento das ICs no contexto norte-americano, Alves (2009, p. 51) afirma que o movimento foi:

[...] primeiramente buscando por uma autoidentidade livre dos pressupostos médicos que até então colocavam a homossexualidade como doença, depois por justiça e igualdade tirando assim os homossexuais da marginalidade e por último buscando a aprovação de Deus dentro de uma teologia que afirma o amor de Deus por todos independentemente de sua orientação sexual.

Desde o final da década de 1990, o movimento das ICs tem chegado ao Brasil. Alves (2009) aponta a Igreja Acalanto, localizada na capital paulista, como sendo a mais antiga das ICs brasileiras, atuando desde 1997. Desde o início da MCC, nos EUA, até a formação da primeira igreja inclusiva no Brasil, temos quase trinta anos.

A grande parte destas igrejas são autônomas e existem apenas no Brasil. Pelo conteúdo dos sites, percebe-se que as ICs possuem discursos diferentes e conflitantes, doutrinários e com respeito às suas prescrições morais e que, apesar disto, todas têm ligação – e a utilizam como discurso fundador – com Igrejas tradicionais (Igrejas Protestantes, Pentecostais e Católica). Essas igrejas têm em comum o fato de seus fundadores serem oriundos de denominações cristãs tradicionais e que, em determinado momento de suas vidas, se desligam destas: “Sendo assim, em alguns casos, permanece a manutenção da estrutura organizacional da igreja nos moldes das denominações de origem da liderança” (JESUS, 2010, p. 136).

Na capital cearense existem 5 (cinco) igrejas inclusivas, a saber: Cidade de Refúgio (CR), Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional (CCNEI), Igreja Apostólica Filhos da Luz (IAFL), Igreja Cristã Ministério Filadélfia (ICMF) e Comunidade Metropolitana (ICM), localizadas nos respectivos bairros Damas, Montese, Benfica, São João do Tauape e Centro. Juntas, formam uma rede física e virtual de igrejas de orientação cristã que acolhem pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Queer (LGBTQ).

⁴ Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana.

⁵ Igreja da Comunidade Metropolitana.

As "igrejas inclusivas" em Fortaleza-CE: território LGBTQ de resistência e fé
 Thiago José Oliveira, Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Otávio José Lemos Costa

Em Fortaleza, as ICs começaram a surgir em 2006. Com a organização de uma filial da ICM, no ano seguinte, 2007, surge a Comunidade Cristã Nova Esperança (CCNE). Posterior ao surgimento dessas que foram as pioneiras de Fortaleza, as outras denominações foram criadas. De 2006 até 2018 as congregações que encerraram seus ministérios na capital cearense foram: Bom Pastor, no Centro de Fortaleza; R12, no Jardim América; e Igreja Cristã Maravilhosa Graça (ICMG), no José Walter. A ICMG era uma filial da sede fundada em Natal-RN.

A chegada das ICs em Fortaleza foi notícia nos jornais, e a receptividade das mesmas não foi tão calorosa. Houve uma série de episódios de intolerância religiosa e preconceito, alguns registrados pelos jornais locais e sites de notícias, conforme figuras 2 e 3. Algumas das igrejas acionaram a polícia em busca de proteção e manutenção dos seus direitos de realizarem seus encontros religiosos livremente.

A LGBTfobia se manifestou, também, através de mensagens deixadas nos muros das igrejas, com textos retirados da bíblia condenando a homossexualidade, denúncias alegando que as igrejas faziam muito barulho, outros jogavam pedras, urina e até mesmo um atentado com tiros a um dos líderes. Esses episódios de intolerância e preconceito fizeram parte da luta dos pastores, assim como da comunidade LGBTQ, que desejaram instalar as ICs em Fortaleza.

Entende-se, aqui, as ICs como territórios de resistência e fé LGBTQ. Fundamenta-se nas concepções de Haesbaert (1999; 2007; 2014), para quem o território tem uma dimensão espacial na qual se revelam tanto processos de dominação concretos como aspectos imateriais, que envolve identidade, identificações, subjetividades e simbolismos. Seguindo as proposições de Haesbaert (1999; 2007; 2014), o território não deve ser apenas definido, mas também compreendido em sua composição histórica e socioespacial. Por ser compreendido em sua composição histórica e socioespacial, o território tem várias concepções teóricas.

Haesbaert (1999; 2007; 2014) explica que existe a concepção materialista do território, que se liga aos aspectos naturais, econômicos, jurídicos e políticos; a segunda concepção tem um viés idealista, que diz respeito à apropriação simbólica do espaço concebido como fenômeno territorial e que constrói identidades; e a terceira concepção trata-se



Figura 2 – Notícias sobre as Igrejas Inclusivas em Fortaleza-CE. Recortes retirados dos sites veiculadores de notícias gerais e da cena LGBTQ.

Fonte: T. J. Oliveira; A. P. N. Vasconcelos; O.; J. L. Costa, 2018



Figura 3 – Muro interno da CCNEI
 Fonte: Igreja, 2010.

As “igrejas inclusivas” em Fortaleza-CE: território LGBTQ de resistência e fé
 Thiago José Oliveira, Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Otávio José Lemos Costa

da integração que reúne todas as dimensões supracitadas, definindo o território por relações de poder multiescalar e indissociável das práticas dos grupos sociais.

Aqui, compreende-se a concepção integradora, uma vez que as ICs são a materialização da resignificação da Teologia Cristã; são a manifestação da fé por parte de grupos sociais subalternizados e suas lutas e resistência, que se apropriam concretamente de determinados espaços motivados pela fé e pelo sentimento de pertencimento, aceitação e autoaceitação.

Nessa leitura se compreende, também, que existe o embate entre os grupos LGBTQ e os agentes que produzem a materialidade das igrejas tradicionais. As relações de poder por parte dos grupos hegemônicos e contra-hegemônicos expressam-se através das lutas pela resignificação da própria teologia e pela resistência a concretização das ICs. Não há poder sem resistência, como explica Haesbaert (2007). Enquanto tentam conquistar e manter seu território, as ICs se colocam defronte ao território de igrejas tradicionais e intolerantes. As igrejas tradicionais atuam como agentes que buscam barrar a manifestação da fé por parte das pessoas LGBTQ e a materialização das ICs nas cidades.

No entanto, mesmo enfrentando perseguição religiosa, atos de depredação e preconceitos, que certamente objetivavam enfraquecer e conter seu avanço territorial, as ICs, em Fortaleza, mantêm uma postura firme. Algumas delas já comemoraram aniversário de 10 (dez) anos. Essas igrejas se mantêm resistentes na manutenção de seu território e algumas delas estão em franco processo de expansão, utilizando, também, as redes sociais virtuais como difusoras da fé.

Conforme Machado (1997), o “pentecostalismo protestante” se apresenta como “a religiosidade de maior dinamismo pela sua força

de difusão” (MACHADO, 1997, p. 47). Tal colocação pode ser afirmada através da pesquisa empírica realizada por Nascimento (2019), na qual o autor contabilizou 1.234 igrejas pentecostais e mais 365 igrejas não católicas constituindo a metrópole Fortaleza. Esse fenômeno de expansão envolve fatores de ordem econômica, social, cultural, porém se dá também devido ao fato de que essas instituições congregam em qualquer espaço – galpões, casas, salões e outros. Qualquer espaço pode virar uma congregação e não se limitam ao espaço físico, as congregações se manifestam no ciberespaço, demandando outro olhar geográfico para a relação: fé-espaço. Pois,

[...] no século XXI, a tecnologia passa cada vez mais a fazer parte da vida e também das necessidades dos seres humanos. O computador e a internet não são mais artigos de luxo ou de uso restrito. Estão presentes nas casas, nos carros, nas ruas, no comércio, no trabalho, etc. A geografia também se encontra inserida nessa realidade, pois o espaço, seu objeto de estudo, também se torna espaço virtual (COSTA; ROCHA, 2011, p. 39).

É difícil demarcar os limites entre o espaço físico e o espaço virtual, cujas manifestações podem ser entendidas como ciberterritório.

[...] o **ciberterritório** poderia ser entendido como o espaço, não-físico, de interação social, assim como no território físico, porém, mediado pelas redes e conexões no ciberespaço, onde se inserem diálogos, as mobilizações, as ações e os conflitos inerentes de uma sociedade, não descartando que transformações sociais possam ocorrer em decorrência destas interações (STALOCH; REIS, 2015, p. 48, destaque no original).

As igrejas tradicionais e as “inclusivas” não estão fora das redes sociais virtuais. Pelo contrário, cada dia elas se apropriam mais das ferramentas disponíveis na internet e meios de comunicação para chegar mais perto dos seus membros e conseguir alcançar novos

As "igrejas inclusivas" em Fortaleza-CE: território LGBTQ de resistência e fé
 Thiago José Oliveira, Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Otávio José Lemos Costa

fiéis. Expandindo seu território para além das fronteiras tangíveis, alcançando lugares antes impossíveis, a religião e a fé se popularizam.

Utilizando-se das redes sociais virtuais, as igrejas pentecostais decentralizam e difundem a fé cristã e elas têm conseguido sucesso, pois podem contar com a participação dos seus membros na manutenção e envolvimento com o objetivo de expandir a fé cristã e no espaço urbano. As territorialidades se materializam através dos pontos de pregação fora das igrejas, objetivando trazer mais almas para Cristo e aumentar a rede de irmãos e irmãs. À medida que as pregações vão obtendo êxito e mais pessoas passam a assistir/frequentar os pontos de pregação, logo surge uma nova igreja. Assim, de acordo com Machado (1997), a territorialidade pentecostal é informal e transitória.

Essas características se aplicam também às ICs. O uso das redes sociais virtuais é muito aplicado por todas as ICs de Fortaleza, os encontros/cultos são transmitidos ao vivo através do Facebook, bem como nos stories do Instagram e através de canais no YouTube, difundindo a fé cristã e a resignificação da Teologia, que passa a ser uma teologia inclusiva (TI). As ICs agrupam as pessoas LGBTQ que se identificam com a fé cristã, assim, se compreende que os grupos sociais têm uma identificação territorial que os vincula às igrejas da qual fazem parte.

Essa identificação territorial cristã está para além da materialidade, da igreja, e os faz sentir-se fazendo parte de um mesmo grupo. Nesse aspecto, eles e elas se tratam como irmãos e irmãs, compartilham da fé em Cristo e da concepção de que serão aceitos(as) independente das suas orientações sexuais e identidades de gêneros.

Identificar, no âmbito humano social, é sempre identificar-se, um processo reflexivo, portanto, e identificar-se é sempre um processo de identificar-se com, ou seja, é sempre um processo relacional, dialógico, inserido numa relação social. Além disso,

como não encaramos a identidade como algo dado, definido de forma clara, mas como um movimento, trata-se sempre de uma identificação em curso, e por estar sempre em processo/relação ela nunca é uma, mas múltipla (HAESBAERT, 1999, p. 174).

Portanto, apreende-se que a identificação com a fé cristã é construída e continua em formação no decorrer do tempo e do espaço. Podendo continuar a existir mesmo que o indivíduo saia da área pertencente ao território ao qual faz parte. Os cristãos LGBTQ, mesmo não mais fazendo parte das igrejas tradicionais, continuam se identificando como cristãos e manifestando a sua fé cristã individualmente. Essa mesma identificação com o cristianismo se estabelece por meio de relação de alteridade e austeridade, coloca os cristãos LGBTQ como diferentes dos demais. A santidade, a rigidez dos(as) cristãos(ãs) tradicionais os(as) separam do mundo e das pessoas, em especial, dos LGBTQ, que são vistos(as) como pecadores(as).

O tópico situou as Igrejas Inclusivas (ICs) como territórios de luta e resistência LGBTQ, apreendendo o aspecto político no qual elas surgem a partir de reivindicações de grupos sociais subalternizados, cujas experiências de fé e com as religiões cristãs tradicionais se dão por rejeições e violências. Sendo a sexualidade e a orientação de gênero dissidentes da heterossexualidade, as pessoas LGBTQ passam a serem entendidas como pessoas que praticam atos que os descaracterizam como cristãos, de acordo com as igrejas tradicionais.

Apreendemos os aspectos políticos e reivindicatórios e a articulação dos líderes e frequentadores(as) das ICs que perpassam os espaços reais e virtuais nos possibilitando entender geograficamente que o ciberespaço é atravessado pela cultura e ao mesmo tempo a reconstitui. Deste modo, tanto o ciberespaço como a cultura e o artefato cultural são aspectos que não devem ser vistos de forma separada, pois "eles se nutrem mutuamente" (CAMPANELLA, 2015). E estamos de acordo

As “igrejas inclusivas” em Fortaleza-CE: território LGBTQ de resistência e fé
 Thiago José Oliveira, Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Otávio José Lemos Costa

com Ramires (2017, p. 26) que “o grande desafio que se apresenta é a dificuldade, e mesmo a impossibilidade de separarem o virtual e o real, tendo em vista que a virtualidade comporta, obrigatoriamente, a criação de um lugar”. Nesse entendimento, situamos as ICs como territórios que se articulam nos espaços virtuais e reais de modo a propagar a fé cristã e as experiências LGBT com a fé na religião. No próximo tópico versaremos sobre as pessoas que frequentam as Igrejas Inclusivas em Fortaleza-CE.

AS PESSOAS QUE FREQUENTAM AS IGREJAS INCLUSIVAS EM FORTALEZA: UMA ANÁLISE DO REAL

Para o entendimento do fenômeno Igreja Inclusiva, entendemos que o processo investigativo para abordar o tema proposto atentou para uma sistematização ao observar certos elementos do real. Dessa forma, ao construir a pesquisa, lidamos com uma dimensão técnica que também se interliga a uma dimensão científica (DESLANDES, 1988), portanto, estamos assim definindo a abordagem do objeto investigado, bem como a escolha dos instrumentos mais adequados para sua operacionalização.

As “igrejas inclusivas” caracterizam-se pela presença de pessoas com múltiplas identidades e orientações sexuais, inclusive pessoas heteroafetivas. De acordo com dados coletados a partir do questionário, a maior representatividade foi de mulheres lésbicas, seguido dos gays, mas há representações de outras identidades/orientações. Apesar de esses serem dados amostrais a partir das pessoas que responderam à pesquisa, pelo trabalho de campo e a frequência às igrejas, sabe-se que existem vários homens e mulheres trans, travestis, que provavelmente não tenham se sentido à vontade para responder ao questionário ou simplesmente não consideraram relevante.

Quanto à faixa etária dos membros, quase 50% dos entrevistados possuem entre 24 e 34 anos e 27% entre 35 e 45 anos, indicando a presença de uma população adulta na sua grande maioria. Mais de 90% das pessoas que responderam à pesquisa se consideram membros das igrejas, e os demais indicam apenas frequentar. Um dado relevante é que grande parte dos membros informou que fazer parte dessas igrejas influencia em suas decisões e estilo de vida. Sobre a aceitação na sociedade aos LGBTQ cristãos, a vasta maioria afirma não serem aceitos

Igrejas Inclusivas em Fortaleza	A sociedade aceita os cristão LGBTQ?!
Olá, esse formulário rápido visa servir de base para levantamento de dados em pesquisa sobre as Igrejas Inclusivas em Fortaleza. Desde já agradeço por se dispor a participar dessa pesquisa. Importante, em nenhum momento será solicitado identificação pessoal, e-mail, nome etc. Todas as perguntas objetivam o levantamento dos dados solicitados e não a identidade do participante da pesquisa. Sinta-se a vontade para responder com veracidade e contribuir com esse trabalho.	Antes da Igreja Inclusiva, teve vivências em igrejas cristãs tradicionais? Sim Não
Congregação a qual faz parte? ICM - Igreja da Comunidade Metropolitana CCNEI - Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional IAFL - Igreja Apostólica Filhos da Luz ICMF - Igreja Cristã Ministério Filadélfia CR - Comunidade Cidade de Refúgio	Caso tenha tido vivências em igrejas tradicionais, sofreu preconceito por conta de sua orientação sexual? Se sim, pode relatar um caso nesse respeito? O que a igreja inclusiva significa para você? Considera que essa congregação interfere direta ou indiretamente no seu estilo de vida? Sim Não
Faixa Etária De 16 a 23 De 24 a 34 De 35 a 45 De 46 a 59 60 +	Após congregar nessa igreja, mudou os lugares onde costuma ir para se divertir? Sim Não
Qual o bairro onde mora?	Qual seu tempo nessa congregação? Até 6 meses De 7 meses a 1 ano Mais de 1 ano e até 2 anos Mais de 2 anos e até 3 anos Mais de 3 anos e até 5 anos Mais de 5 anos e até 7 anos Mais de 7 anos e até 10 anos Acima de 10 anos
Identidade/Orientação Sexual Gay Lésbica Bissexual Heterossexual Travesti Transexual Assexual Intersexual Outro	Obrigado por contribuir com a pesquisa.
Como se percebe enquanto participante dessa congregação? Membro Frequentante Visitante	

Figura 4 – Questionário on-line aplicado.

Fonte: T. J. Oliveira; A. P. N. Vasconcelos; O.; J. L. Costa, 2018.

e que o preconceito ainda está muito arraigado nas pessoas, principalmente nos que fazem parte de congregações cristãs tradicionais.

Quase 80% das pessoas que responderam ao questionário tiveram vivências em igrejas tradicionais antes de chegarem até as ICs. Seguem 14 (catorze) relatos sobre as situações de preconceitos experienciadas pelas pessoas LGBTQ em igrejas tradicionais. As pessoas são

As "igrejas inclusivas" em Fortaleza-CE: território LGBTQ de resistência e fé
 Thiago José Oliveira, Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Otávio José Lemos Costa

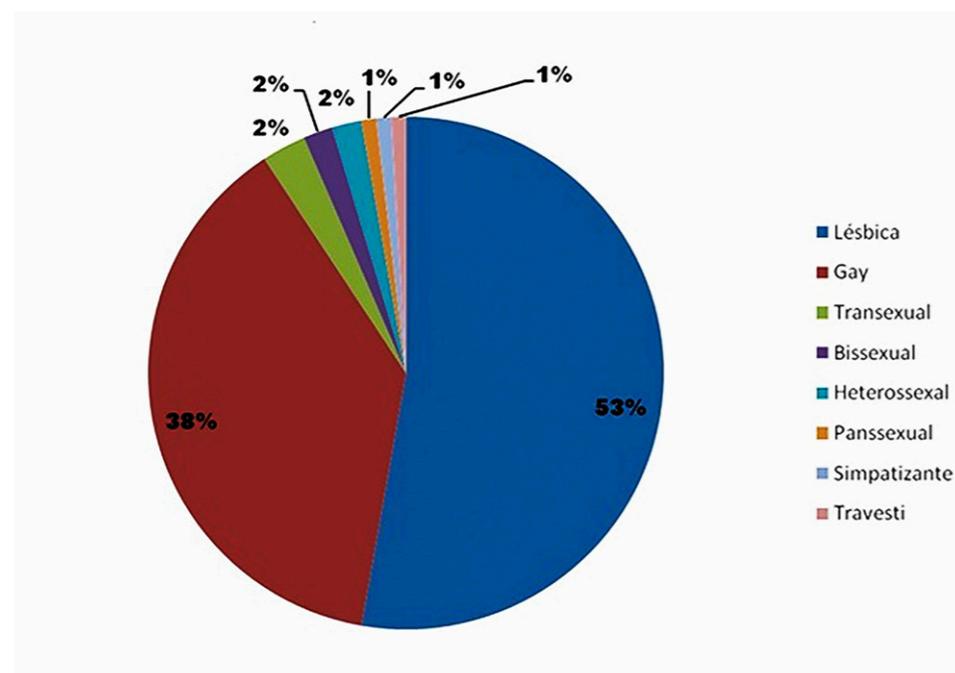


Figura 5 – Identidade e Orientação Sexual dos Frequentadores das ICs.

Fonte: T. J. Oliveira; A. P. N. Vasconcelos; O.; J. L. Costa. 2018.

identificadas pela igreja da qual fazem parte, conforme acordo com estas.

A pergunta foi: "Caso tenha tido vivência em igrejas tradicionais, sofreu preconceito por conta de sua orientação sexual? Se sim, pode relatar um caso relacionado a esse tema?"

Sim, tentaram cura gay, fui disciplinado e no final me convidaram a me retirar na igreja (Membro IAFL).

Sim, fui convidado a fazer tratamento de libertação, no qual nunca surtiu efeito (Membro IAFL).

Sim. Nasci em uma igreja tradicional. Batista, para ser exata. Quando percebi essa inclinação tentei a todo custo namorar rapazes. Inclusive, fui disciplinada por minha leviandade. Ainda na adolescência via meninas de forma diferente e precisei sair da cidade do interior para viver plenamente minha sexualidade (Membro ICMF).

Sim. Fui coagido a não assumir serviços eclesiais de maior envergadura (Membro ICM).

Sim. O pastor titular da igreja ameaçou a me colocar dentro de uma sala e andar em cima de uma linha sem me rebolar ou ele me espancaria com um fio (Membro IAFL).

Não, pois não era "assumida" na época (Membro IAFL).

Eu passei por uma exposição entre membros e por orações e reclusão em lugares distantes para buscar uma cura, o apóstolo de lá acreditava que eu estava com um espírito maligno (Membro IAFL).

Sim, as pessoas deixaram de falar comigo (Membro CCNEI).

Sim, sofri. Passei 15 anos acreditando que Jesus me libertaria. Quando percebi que não aconteceria e que Jesus me aceitava, me assumi e por isso fui convidada a sair da igreja (Membro CCNEI).

Sim. Congreguei na Assembleia de Deus Canaã e por várias vezes sofri bullying pelo fato de aos quase 40 anos de idade eu ainda não ser casado, noivo ou sequer ter namorada! Então diziam que eu estava à procura de um varão (macho) de Deus. Pelas costas, eu era chamado de bicha, viado, boiola! (Membro ICMF).

Sim, eu congregava em uma igreja católica e por muitas vezes fui excluída dos trabalhos pastorais, isso me doeu muito, mas não desisti do meu Senhor (Membro CCNEI).

Sim. Na época eu tinha exatos 17 anos, e a menina que me relacionava também fazia parte da igreja, mas eu era membro e ela ainda iria se batizar. Então foi levantado um questionamento sobre a nossa conduta. E alguns membros começaram a "vigiar" nossa vida. Até que descobriram e não batizaram ela, e me afastaram dos cargos que eu exercia dentro de alguns ministérios (Membro IAFL).

Ah, vários... Mas dentre eles, uma líder, incansável vezes, incluía em suas orações repreensão do Espírito de Lesbianismo (Membro IAFL).
 Sim, por isso já fui casado com mulher (Membro CCNEI).

Sim, fui expulso por ser gay (Membro ICM).

As “igrejas inclusivas” em Fortaleza-CE: território LGBTQ de resistência e fé
 Thiago José Oliveira, Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Otávio José Lemos Costa

Aqueles e aquelas que relatam não ter tido vivências negativas por conta de sua sexualidade, informaram viver escondidos(as) “dentro do armário” diante da congregação. Alguns tiveram casamentos de fachada para serem aceitos na congregação e na sociedade.

Essas pessoas responderam à pergunta: “O que a Igreja Inclusiva significa para você?”. As pessoas são identificadas pela igreja da qual fazem parte, conforme acordo com estas.

Um novo despertar na vida de quem somente escuta que é uma aberração e vai pro inferno. Que Jesus não nos aceita e que estamos sós, a igreja inclusiva veio pra nos tirar do lamaçal e nos fazer enxergar que somos parte do reino, e que Cristo não faz acepção de pessoas. Sinto-me parte do todo, se os tradicionais podem orar, nós também podemos, pois a mesma graça que é dada sobre eles também é dada a nós (Membro IAFL).

Amor e acolhimento (Membro IAFL).

Aceitação. Respeito para com outro (Membro IAFL).

A IAFL na minha vida apareceu como uma válvula de escape, um lugar onde eu poderia ser eu mesma e ainda assim servir ao Deus que tanto amo, e desde então me sinto em casa, me sinto em família, é como se lá fosse um pedacinho do céu e tivéssemos a certeza de que nada pode nos abalar (Membro IAFL).

Significa que sou aceita, sem falatórios pejorativos sobre a sexualidade. Me sinto bem. Acolhida (Membro IAFL).

Significa uma conquista no meio LGBTQ e um lugar onde podemos adorar e servir a Deus e ser aceitos como somos (Membro IAFL).

Uma família que eu não tinha. A oportunidade pros meus irmãos em Cristo, que pensam que Deus os rejeita por conta da orientação sexual (Membro IAFL).

A igreja inclusiva significa para mim o coração de Deus aqui nessa terra, uma igreja que sabe lidar com qualquer tipo de

pessoa independente de sua sexualidade, pois é uma igreja que anda nos passos de Jesus (Membro CCNEI).

A liberdade de adorar ao Senhor Jesus do jeito que somos, porque Ele nos fez assim. Não escolhi ser lésbica. Não é opção. É natureza (Membro CCNEI).

Poder entender que Deus me aceita (Membro CCNEI).

Libertação! Após muitos anos no cativeiro do armário, vivendo uma grande solidão, mesmo rodeado de amigos e familiares, a falta de sentido para viver era uma realidade, por não aceitar a verdade que existe dentro de mim: a verdade sobre minha identidade, sobre quem sou eu. Tudo isso se perdeu quando descobri que o amor de Deus é maior do que as forças que conspiravam para que eu tirasse minha própria vida. A certeza que faço parte de Deus e que sou Dom e que a imagem dele é refletida em mim me trouxe vida nova e me liberou das algemas da opressão (Membro ICM).

Um local onde posso professar minha fé sem preconceitos quanto a homossexualidade (Membro ICMF).

A partir das conversas e do questionário, foi possível compreender que as igrejas são inclusivas por compreender o Cristianismo como uma vivência prática que não exclui pessoas por questões ligadas ao sexo e à sexualidade. E que as pessoas LGBTQ, atualmente membros ou frequentadores dessas igrejas, identificam-se com as religiões cristãs, sendo, em sua maioria, ex-membros de igrejas tradicionais. De acordo com os dados levantados na pesquisa, quase 80% foram membros de igrejas tradicionais.

As pessoas LGBTQ se sentem acolhidas nas ICs, podendo exercer suas práticas afetivas sem sofrerem nenhum tipo de preconceito, participando dos cultos de forma livre. As igrejas simbolizam para essas pessoas espaços não apenas de fé, mas de afetos, amizades e resistência, pois os grupos LGBTQ, a partir dos encontros nas igrejas, constroem objetivos maiores, como, por exemplo, a construção de um abrigo para travestis em situação de rua, projetos de ação social, e se

As “igrejas inclusivas” em Fortaleza-CE: território LGBTQ de resistência e fé
 Thiago José Oliveira, Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Otávio José Lemos Costa

percebem enquanto agentes transformadores da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia da Religião no Brasil tem dois centros difusores de pesquisas que analisam o fenômeno religioso em seus aspectos tanto materiais como imateriais. Desse modo, para a leitura geográfica do fenômeno “Igreja Inclusiva”, faz-se necessário tentar superar a dicotômica material-imaterial, assim como sagrado-profano, buscando compreender o fenômeno em seus aspectos históricos, políticos, culturais e que envolve dimensões peculiares, como as expressões de gênero e sexualidade.

As igrejas tradicionais representam “espaços interditos” por estarem impregnadas de preceitos supostamente cristãos que não aceitam as pessoas LGBTQ em suas livres manifestações e expressões sexuais e de gêneros. Nesse contexto, compreende-se a religião como uma construção sociocultural que envolve aspectos de classe social, cor, sexualidade e gênero atravessados por relações de poder. Aspectos que marcam as religiões e que são dimensionados e redimensionados conforme as sociedades em que se estabelecem. E as Igrejas Inclusivas são espacialidades que tencionam toda a lógica cristã e heteronormativa da sociedade.



Figura 6 – Nuvem de palavras conforme as experiências das pessoas LGBTQ nas Igrejas Tradicionais
 Fonte: T. J. Oliveira; A. P. N. Vasconcelos; O.; J. L. Costa, 2021.

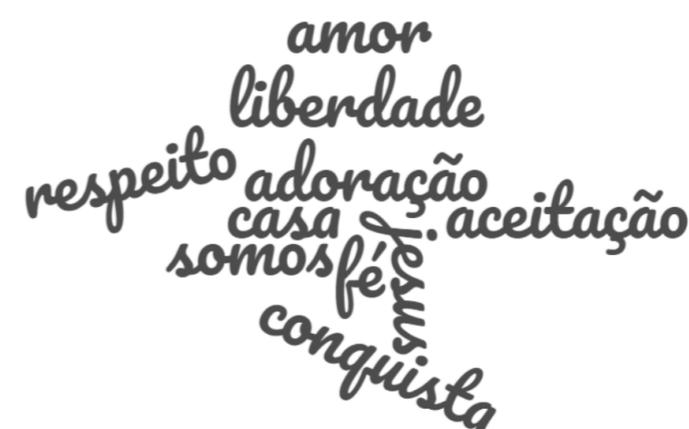


Figura 7 – Nuvem de palavras conforme as experiências das pessoas LGBTQ nas Igrejas Inclusivas
 Fonte: T. J. Oliveira; A. P. N. Vasconcelos; O.; J. L. Costa, 2021.

Deste modo, foi feita uma leitura geográfica das Igrejas Inclusivas, compreendendo-as como territórios de resistência e de fé. São territórios de resistência, uma vez que surgem em contexto histórico no qual se combatia o preconceito contra as pessoas LGBTQ, cujas mesmas reivindicaram a livre manifestação de suas sexualidades e de suas fés, bem como suas respectivas inclusões nas congregações cristãs. As Igrejas Inclusivas capturam o Cristianismo de modo a ressignificar a Teologia Cristã, que passa a ser chamada de Teologia Inclusiva. A Teologia Inclusiva percebe todos e todas como iguais perante Cristo, e culmina na materialização da Igreja Inclusiva.

Em Fortaleza-CE, a recepção das Igrejas Inclusivas não foi positiva, pois houve ataques LGBTfóbicos e depredação dos seus espaços físicos. Revelando as relações de poder que atravessam as religiões e suas manifestações nos espaços geográficos.

A partir da análise do questionário aplicado, foi possível perceber o perfil do público que frequenta as 5 (cinco) igrejas inclusivas no espaço urbano de Fortaleza. Dos 108 questionários aplicados, apenas 26 relatos foram expostos neste artigo. Relatos que desrespeitam a vivência de preconceito nas igrejas tradicionais e o significado das igrejas inclusivas para seus respectivos membros.

As igrejas tradicionais, entendidas aqui como “espaços interditos” para as pessoas LGBTQ, foram espaços de sofrimento, de medo e de “vivência no armário”, conforme os relatos. Já as

As "igrejas inclusivas" em Fortaleza-CE: território LGBTQ de resistência e fé
 Thiago José Oliveira, Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Otávio José Lemos Costa

ICs são territórios concretos constituídos por sentimentos e expressões relacionados aos afetos, à liberdade, ao se sentir pertencente a uma família, à liberdade de manifestação da fé. Elaboramos duas nuvens de palavras, conforme as experiências e dos relatos dos(as) frequentadores(as), conforme as figuras 6 e 7.

Um dado importante a ser ressaltado é que a maioria das pessoas LGBTQ que frequentam as Igrejas Inclusivas em Fortaleza se autoidentificam como lésbicas (53%) revelando um aspecto da religião que, em uma análise geográfica, não deve ser ignorado, quicá a forma como a religião é concebida e a manifestação da fé seja distinta para os gêneros, se analisados em suas composições socioeconômicas, políticas e culturais.

Por fim, concluímos que as Igrejas Inclusivas são manifestações que se dão no espaço urbano das metrópoles, configurando-se como territórios de luta, resistência e fé dos grupos sociais LGBTQ. E em Fortaleza essas igrejas já fazem parte da paisagem urbana da metrópole, formando uma rede espacial física e virtual, que a cada dia agrega mais cristãos LGBTQ. ☉

REFERÊNCIAS

ALVES, Zedequias. Religião e sexualidade: reflexões sobre igrejas inclusivas na cidade de São Paulo. 2009. 155 f. **Dissertação** (Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

CAMPANELLA, Bruno. Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios. Entrevista com Chistine CAMPANELLA. **Matrizes**, v. 9, n. 2, p. 167-173, 2015.

CARDOSO, Fernando. **A homoafetividade e o cristianismo**. São Paulo: Clube dos autores, 2010.

DESLANDES, Suely Ferreira. A Construção do Projeto de Pesquisa. In: MINAYO, Maria C. de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1988.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião: Estudos da Paisagem Religiosa. In: **Anais...** VIII Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia, Curitiba: [s.n.], 2009.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Espaço de representação e territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. **Ra'ega**, v. 3, 1999.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Espacialidades de conformação simbólica em geografia da religião: um ensaio epistemológico. **Revista Espaço e Cultura**, n. 32, p. 78-90, 2012.

GIL FILHO, Sylvio Fausto; PEREIRA, Clevisson Junior. Geografia da religião e espaço sagrado: diferenças entre as noções de locus material e conformação simbólica. **Ateliê Geográfico**, v. 6, n. 1, p. 35-50, 2012.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: CORREA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, p. 19-46, 2007.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no Limite: território e multi/ transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

IGREJA evangélica sofre série de ataques homofóbicos em Fortaleza. **Gazeta do Povo**, Ceará, 15 dez. 2010. Disponível em: <<https://referenciabibliografica.net/a/pt-br/example/index/abnt/newspaper-article>>. Acesso em: 12 maio 2018.

JESUS, Fátima Weiss. A cruz e o arco-íris: refletindo sobre gênero e sexualidade a partir de uma igreja inclusiva no Brasil. **Ciencias Sociales y Religión**, v. 12, n. 12, p. 131-146, 2010.

As “igrejas inclusivas” em Fortaleza-CE: território LGBTQ de resistência e fé
 Thiago José Oliveira, Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Otávio José Lemos Costa

MACHADO, Mônica Sampaio. A territorialidade pentecostal: uma contribuição à dimensão territorial da religião. **Espaço e cultura**, n. 4, p. 36-49, 1997.

NASCIMENTO Pedro Victor Lopes do. Para além do “amém”: uma análise da inserção urbana das igrejas evangélicas em Fortaleza/CE. 2019. 214 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, 2019.

PEREIRA, Clevisson Junior. Geografia da Religião: um olhar panorâmico. **Revista RAEGA**, UFRR, n. 27, p. 10-37, 2013.

PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Geografia e pesquisa qualitativa: um olhar sobre o processo investigativo. **Geo UERJ**, v. 1, n. 23, p. 4-18, 2012.

RAMIRES, Julio Cesar de Lima. Pesquisa qualitativa dos espaços virtuais: algumas reflexões. In: PESSÔA, Vera Lúcia Salazar; RÜCKERT, Aldomar Arnaldo; RAMIRES, Julio Cesar de Lima (Orgs.). **Pesquisa**

qualitativa: aplicações em Geografia. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2017. p. 25-56.

ROSENDAHL, Zeni. Diversidade, Religião e Política. **Revista Espaço e Cultura**, n. 11 e 12, p. 27-32, 2001.

ROSENDAHL, Zeni. Geografia da Religião: uma proposição temática. **GEOUSP: Espaço e Tempo**, n. 11, p. 9-19, 2002.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **Geo UERJ**, v. 1, n. 18, p. 1-17, 2008.

SILVA, Joseli Maria. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. **Espaço e Cultura**, n. 27, p. 39-55, 2010.

STALOCH, Rubens; REIS, Clovis. A mediação das relações sociais nas redes sociais virtuais: do ciberespaço ao ciberterritório. **Estudos em comunicação**, n. 20, p. 31-52, 2015.

Submetido em agosto de 2020.

Revisado em junho de 2021.

Aceito em junho de 2021.